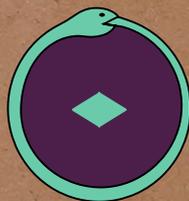
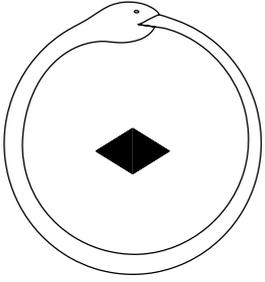


NO MEU SONHO,
EU SOU QUEM EU QUISER
Leandro Altheman



cadernos
SELVAGEM



NO MEU SONHO, EU SOU QUEM EU QUISER

Leandro Altheman

No meu sonho, eu sou quem eu quiser ser.

O sonho contado a seguir faz parte do conjunto de sonhos que obtive durante a iniciação com o **Muká**¹, nos três meses de isolamento na floresta do rio Gregório em 2010. Nesse período estive com o pajé do povo **Yawanawá**, Vicente Yawarani, falecido em 2018 e seu filho Tawaho, que também fazia a iniciação com o **Muká**, raiz sagrada do povo **Yawanawá** utilizada para obter, principalmente por meio dos sonhos, as instruções espirituais de seus ancestrais².

1. Este sonho faz parte do livro *Muká, o olhar além*, ainda não publicado.

2. Os detalhes sobre o processo de iniciação **Yawanawá** ficariam por demais extensos para explicar nesse texto. Basicamente, a raiz do **Muká** é mascada e seu sumo ingerido e a partir daí, o postulante entra em uma dieta rigorosa que inclui abstenções alimentares e isolamento social. Os sonhos são um dos meios pelo qual o iniciado obtém conhecimentos e poderes xamânico. Mais detalhes podem ser encontrados no livro *Muká, a raiz dos sonhos*.

De repente, vi-me em outro lugar. Estava em uma espécie de entreposto às margens de outro rio, que identifiquei como sendo o Jaquerana³. O entreposto era uma mistura de bar, cantina, pensão e local de troca de mercadorias. Havia canoas atracadas, amarradas com cordas nas palafitas sobre as quais estava apoiado o estabelecimento. Novas canoas chegavam, trazendo pessoas das redondezas.

Lembro-me de estar sentado em um local, à sombra do estabelecimento, como se quisesse fugir dos olhares e da atenção dos que por ali passavam.

Um chapéu projetava uma sombra ainda mais escura sobre meu rosto, que obviamente, eu próprio não via, mas sentia estar enegrecido pelo jenipapo. A maioria das pessoas propositalmente afastavam seus olhares de mim, como se evitassem me encarar.

Foi quando uma canoa atracou, trazendo consigo um grande grupo de índios que identifiquei como sendo do povo Marubo⁴. Eles adentraram o estabelecimento, e olharam-me à distância. Entre eles, contudo, não parecia haver um olhar de medo como nos demais.

Do grupo, destacaram-se três índios, todos portando suas lanças. Um mais à frente e dois nas laterais, como seguranças.

Aquele que estava à frente, que parecia ser o chefe, perguntou-me:

– Você é índio, branco ou negro?

– Esse aqui é o meu sonho e eu sou o que quiser – respondi, não em português, mas na sua própria língua.

Ele ficou um pouco surpreso, mas não muito. Sorriu e cumprimentou-me, indicando um local próximo dali, um igarapé ao qual eu, por alguma razão, deveria ir.

Desci do bar, e tomei minha própria canoa em direção ao local indicado. Subi o barranco e caminhei alguns minutos por uma trilha em um roçado. A trilha me levou até um terreiro, onde havia um casebre simples, coberto de palha. Do lado de fora da casa, havia uma jovem mulher.

A jovem tinha por volta dos vinte anos de idade, cabelos castanhos claros, quase loira e era branca de pele, porém muito bronzeada. Seu corpo bem torneado estava todo enfeitado com adereços indígenas. Colares, pulseiras, tornozeleiras

3. Rio Jaquerana. Afluente do Javari cuja nascente se encontra na Serra do Divisor.

4. Marubo. Povo falante da família linguística Pano, residente na Terra Indígena do Vale do Javari.

*de miçanças e uma tanga de palha tecida. Seu rosto, bem como seu corpo, estava coberto dos mais diferentes **kenês** pintados em urucum e no seu cabelo, haviam dois prendedores na forma de compridas araras: uma vermelha e outra azul.*

Era muito bonita afinal, mas parecia muito mais uma garota de praia do Rio de Janeiro do que uma índia do Amazonas.

Ela parecia estar secando folhas em uma bacia, como se fosse preparar algum tipo de remédio. Ela notou que me aproximava, mas não se assustou e continuou fazendo sua tarefa. Enquanto me aproximava, reparei que seus gestos não condiziam com seu aspecto. Era alguém muito experiente que manuseava aquelas folhas. Então, em um relance, soube que aquela mulher era na verdade, muito, muito velha.

Quando cheguei bastante próximo, ela finalmente se deteve e veio até o meu alcance. Cumprimentamo-nos.

- Você é índia ou branca? Jovem ou velha? – Perguntei.

*- Esse sonho é meu e aqui eu sou o que eu quiser – respondeu, também em uma língua indígena, em palavras quase idênticas às que havia dito há pouco para o chefe dos **Marubo**.*

Ela então retirou os dois prendedores de cabelo nas formas de arara e deu-me para que segurasse. Quando segurei os prendedores, eles se converteram de fato, em duas araras, uma azul e outra vermelha, e caminharam sobre meus braços. Ao mesmo tempo, as duas araras me deram cada uma um beliscão com seus bicos. Despertei ainda sentindo as bicadas em cada braço.

Este sonho pareceu-me indicar a possibilidade de que de fato eu teria cruzado a linha que separa meus próprios sonhos e entrado nos sonhos de outra pessoa. Ao visitá-la em seus próprios domínios, obtive mais uma vez a confirmação de que em certo nível dos sonhos podemos ser algo além do que somos na nossa vida desperta, e que de lá podemos trazer novos conhecimentos e poderes para o lado de cá.

LEANDRO ALTHEMAN

Jornalista radicado na Amazônia por 20 anos. Autor do livro *Muká, a raiz dos sonhos*, relato autobiográfico do processo de formação xamânica do povo *Yawanawá*. É mestre em Antropologia pela UFPR com o tema das iniciações xamânicas do povo *Shipibo* da Amazônia peruana.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Agradecemos a Isabelle Passos pela editoração.

ISABELLE PASSOS

Artista Visual, percorre caminhos entre as imagens e as palavras. Mantém seu ateliê e residência em São Paulo, onde pesquisa o desenho como uma forma de elaborar a anatomia do inconsciente. No Selvagem, trabalha com o desenho gráfico e construção de imagens.